

EXTRA-CLASSE

'Super mãe' e o papel da mulher

Fotos: RENATO SEERIG



Márcia Chiamulera: 'mãe protetora' se rebela contra formas de opressão

Os dramas vividos por uma mãe contados de uma forma bastante engraçada, mas que certamente levam a refletir sobre o papel da mulher na sociedade. Dessa forma pode ser resumida a encenação da peça "A super mãe porra louca", monólogo da jovem atriz Márcia Chiamulera, formada recentemente em artes cênicas pela UFSM e que integra o projeto teatral "Vagabundos do Infinito", juntamente com o professor da UFSM, Paulo Márcio Pereira.

A peça foi apresentada na segunda, 10 de março, no auditório do sindicato, na retomada do projeto *Cultura na SEDUFSM*, que teve o comparecimento aproximado de 70 pessoas. Após a encenação, houve um debate para o qual foram convidadas a professora do departamento de Ginecologia e Obstetrícia da UFSM, Maria Teresa de Campos Velho e a vice-presidente da União Brasileira de Mulheres, Ângela Dutra Togni, além da própria atriz da peça. A coordenação dos trabalhos foi da advogada que integra o escritório Wagner Advogados Associados, Sandra Feltrin.

Márcia Chiamulera, apesar de tomar como base a peça escrita pelo casal de italianos (Dario Fo e Franca Rame – "La Mamma frichettonna"), disse que adaptou muito da sua

própria realidade para remontar o texto. "Fui criada nessa mistura educacional e cultural, em que se destacam valores religiosos, machismo e diversos tipos de preconceitos em relação às mulheres", enfatizou ela.

A professora Maria Teresa Campos Velho elogiou bastante o teatro e disse que praticamente todas as facetas da experiência feminina foram retratadas na peça. "A supervalorização da maternidade, o drama quando os filhos saem de casa, a violência doméstica e sexual, a tripla jornada de trabalho. Tudo isso foi representado, nos dando uma aula sobre as mulheres", afirmou a docente, que também pesquisa assuntos ligados à sexualidade.

Para a integrante da União Brasileira de Mulheres, Ângela Togni, a herança cultural que sobrepõe homens em relação às mulheres ainda é bastante forte. "Enquanto a educação continuar diferenciando as tarefas do sexo masculino e a tarefas do sexo feminino, a igualdade almejada continuará longe", ressaltou.



Maria Teresa, Ângela, Márcia e Sandra: debate após a peça teatral

Voz para as excluídas

O evento promovido pela SEDUFSM na noite de 10 de março contou com a presença de três mulheres sem-terra, que fazem parte da Via Campesina, e que estiveram no ato de ocupação da fazenda Tarumã, em Rosário do Sul. A ocupação, que foi reprimida violentamente pela Brigada Militar, ocorreu na terça, dia 4 de março, e teve por objetivo denunciar a empresa multinacional da área de celulose, Stora Enso, por estar adquirindo terras na faixa de fronteira, dentro dos 150 km proibidos pela legislação.

Juliana de Almeida Costa, farmacêutica que integra a Cooptec (Cooperativa Prestadora de Serviços Técnicos), que assessora o Movimento Sem-Terra/Via Campesina em diversas áreas, fez um relato detalhado sobre toda a série de maus-



Mulheres da Via Campesina denunciaram violência policial

tratos enfrentados pelas mulheres que ocuparam a fazenda rosariense. Segundo ela, 48 mulheres ficaram feridas e foram impedidas durante horas, pela polícia, de tomar água ou mesmo irem ao banheiro. "É incrível como alguns hectares de terra, alguns pés de eucalipto, podem valer mais do que a vida de um ser humano", pronunciou Juliana, visivelmente emocionada.

Em nome da SEDUFSM, o presidente Diorge Konrad agradeceu a presença das debatedoras e também à atriz que protagonizou a peça "Super mãe porra louca". Ele lembrou que já faz parte da trajetória do sindicato realizar atividades que lembrem a luta das mulheres. Também colocou a seção sindical a disposição no caso de as sem-terra precisarem de algum tipo de apoio.